

UMA HOMENAGEM EM FORMA DE *POST-SCRIPTUM*

Valdir do Nascimento Flores¹

valdirnf@yahoo.com.br

Marlene, eu a conheci há muitos anos. Fomos colegas no Curso de doutorado que fazíamos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ambos sob a orientação da Professora Leci Borges Barbisan. Nessa época, Marlene dedicava-se aos estudos do discurso, no âmbito da Escola Francesa da Análise do Discurso, oriunda de Michel Pêcheux, e eu à Linguística da Enunciação, advinda dos estudos de Émile Benveniste acerca da subjetividade na linguagem. Eu – com a ignorância apenas perdoável aos que têm pouca idade (eu tinha, então, 24 anos) – considerava o diálogo entre as duas áreas impossível. Inclusive mantinha certa distância de tudo que pudesse evocar a Análise do Discurso, teoria esta que sempre se mostrou tão reticente, ao menos nesse tempo, com os estudos da enunciação.

O meu engano não demorou a se apresentar. A fina leitura que Marlene tinha tanto da obra de Michel Pêcheux quanto da enunciação benvenistiana foi imperiosa para me fazer ver que deveria soar como natural o diálogo da Análise do Discurso com as teorias da enunciação, uma vez que a questão da subjetividade, na passagem da língua ao discurso, é crucial para ambas as áreas. Assim, naquela que pensei ver potencialmente uma adversária, encontrei a melhor companhia que eu poderia desejar: a que alia a sagacidade da leitura em filigrana à escuta acolhedora. Devo à minha querida amiga Marlene, à sua atenta e delicada escuta, cada linha que consegui escrever em forma de tese de doutoramento. Desse momento em diante, sempre escrevi para que ela lesse! Tudo o que escrevia, deveria receber a sua atenção. Isso era imperioso. A necessária presença de Marlene passou a ser tão natural para mim que a estendi a toda a minha atuação de pesquisa e de ensino na universidade. Marlene foi avaliadora da grande maioria das teses e dissertações que orientei até então, foi minha grande interlocutora

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

em inúmeros congressos, mesas-redondas, debates, além de dividir comigo a autoria de livros e artigos. Creio que poucos colegas conseguiram fazer uma carreira de tanta afinidade como nós dois!

Em 1998, Marlene, após um profícuo estágio na França sob a orientação de Jacqueline Authier-Revuz, defende sua tese de doutorado intitulada *A Presença do Outro no Um: um exercício de análise em canções de Chico Buarque*. Como o próprio título anuncia, a tese produz um estudo inspirador de parte da obra de Chico Buarque, um encantamento confesso de Marlene. A tese foi a base do livro *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para a abordagem do sentido no discurso* (EDIPUCRS, 2000).

Nesse livro, Marlene relê a Análise do Discurso de Michel Pêcheux, submetendo-a a uma nova interpretação, também com o auxílio da psicanálise lacaniana. Nessa interpretação, Marlene defende que Pêcheux – em suas últimas produções, por volta dos anos 80, na chamada “terceira época da AD” – introduz aspectos novos (relativamente à produção dos anos 1960-1970) quanto à compreensão da linguística no quadro epistemológico da Análise do Discurso, indo na direção indicada por Jean-Claude Milner e Jacqueline Authier-Revuz, sem, contudo, abandonar a filiação a Saussure, o que, na opinião de Marlene, confere ao projeto de Pêcheux especificidade em relação a outras abordagens do discurso. Nessa etapa, segundo ela, o interesse da Análise do Discurso desloca-se do campo estrito dos discursos políticos, discursos doutrinários ligados à estrutura partidária, para os espaços infra estruturais que constituem a linguagem comum. Marlene, enfim, defende que Pêcheux revê seu posicionamento em relação à enunciação, não mais a considerando como espaço da ilusão do “eu”. Em razão disso, a sequência em sua singularidade passa a ser considerada como objeto da Análise do Discurso. Em outras palavras, no quadro teórico da dita “terceira fase” da teoria de Pêcheux, ocorre o deslocamento da análise para a sequência, não mais vista como espaço imaginário, mas como constituída-atravesada pelo *discurso outro*. A atividade enunciativa ganha uma importância que antes não lhe era conferida e é sob o signo da heterogeneidade, vista pela ótica de Authier-Revuz, que a questão do discurso será, então, tomada.

Como é possível constatar, já se anunciava aí – nessa preciosa leitura tão brevemente resumida por mim – uma linguista de tipo raro hoje em dia: a que gosta da linguagem em todos os seus aspectos teóricos e analíticos. É assim que, acredito, se pode definir a ampla atuação de Marlene como professora do ensino médio público, como professora universitária e como pesquisadora. Ela não se limitava a aparatos metodológicos de análises, que tão seguramente garantem o que cabe ao linguista dizer. Ela *criava* – e a palavra deve ser lida aqui em seu sentido primeiro – o seu modo de ver a linguagem.

Vencida a etapa de elaboração do doutorado, Marlene passou a atuar como docente junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Nessa atuação, pode-se ver o verdadeiro despertar de uma pesquisadora-professora de horizontes muito amplos. A partir de uma sofisticada leitura de inúmeros autores – dos quais eu gostaria de destacar Émile Benveniste, muito especialmente, mas também Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin – Marlene se dedica a abrir a linguística às *áreas conexas*, para usar uma expressão de natureza saussuriana. Isso quer dizer que todos os seus esforços foram em uma única direção: ver em que medida a linguística poderia dizer algo às demais áreas do conhecimento.

É assim que se vê delinear uma produção que perpassa as áreas da saúde (enfermagem), da Psicanálise (em seus aspectos clínicos e de interpretação do social), da literatura, das relações entre linguagem e atividade de trabalho (ergologia), da cultura, entre outras. Essa ampla atuação explica uma carreira com números vultosos: são mais de 40 artigos em revistas científicas, cerca de 20 capítulos de livros, 7 livros organizados e/ou em coautoria, inúmeras participações em congressos, eventos, e atividades de toda a natureza do cotidiano acadêmico (bancas, comissões, pareceres etc.). Como orientadora a atuação de Marlene merece uma nota especial: são mais de 100 orientações entre doutorado, mestrado, graduação, iniciação científica, número este que ratifica sua grande capacidade de produzir filiações, de acolher o singular e de escutar o *outro*. O reconhecimento entre seus pares traduz-se nos inúmeros convites para integrar eventos, nas bolsas recebidas (Marlene era titular de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq), nos fomentos obtidos etc.

Desse percurso de notórias potencialidades, eu gostaria de destacar dois momentos que, em minha opinião, ilustram a imensa capacidade que Marlene tinha de transmitir o conhecimento, sem dele se assenhorar, o que se mostra, por exemplo, nas lindas participações de seus colegas e alunos nesta homenagem que lhe é feita neste número da Revel – Revista Virtual de Estudos da Linguagem: primeiro, a instituição de um campo de estudos da linguagem no Brasil, a Linguística da Enunciação; segundo, a abertura ímpar da teoria da linguagem de Émile Benveniste para além do que o próprio autor formulou explicitamente.

Apesar de solidamente instituída em outros centros de pesquisa, a Linguística da Enunciação, no Brasil, até o início dos anos 2000, não passava de um campo de pesquisa timidamente emergente. Creio que a publicação do livro *Introdução à linguística da enunciação* (Editora Contexto, 2005), coautoria de Marlene e minha, cumpriu um papel importante na institucionalização do campo entre nós, na medida em que disciplinariza uma área, fornecendo-lhe material didático, critério mínimo para que se admita a circunscrição de

um campo do saber². Marlene foi protagonista da institucionalização da Linguística da Enunciação no Brasil.

A abertura sem precedente da teoria da linguagem de Benveniste – de cujo autor ela era uma sofisticada leitora – pode ser vista nas brilhantes elaborações feitas em um artigo – um dos últimos por ela publicado – intitulado “O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem” em que ela propõe que o estudo dos pronomes de Benveniste representa um lugar privilegiado para mostrar que sua teoria da enunciação contém o projeto de uma ciência geral do homem³. É inspirador e, para mim, indispensável a todos que têm amor pelo estudo da linguagem. Os jovens linguistas muito se beneficiariam da leitura desse texto!

De um ponto vista mais pessoal, eu, que tive a alegria de com ela conviver, gostaria de sublinhar que Marlene não era do “tipo” que separava o profissional do pessoal: ela trabalhava com afeto. E isso é um oásis no deserto que a academia facilmente lavra em meio a tantas quantificações e tantas demandas de produtividade estéril. Sua gentileza, sua modéstia, sua ética há de continuar a produzir efeitos entre os que com ela conviveram!

Enfim, é tempo de tentar um “até logo” à minha amiga, e faço isso sem achar a palavra certa, porque não há palavra que possa traduzir o vazio que sua ausência deixa. Talvez seja o caso de, neste fim de homenagem, deixá-la falar. Gostaria, então, de compartilhar com os leitores desta homenagem as palavras que ela dirigiu a mim, em forma de dedicatória, em um de seus livros: “Que feliz encontro o nosso. Sinto que escrevo a quatro mãos porque estás sempre presente”. Compreende-se por que a palavra falta.

Porto Alegre, verão de 2016.

² Parte dessa história poderá ser acompanhada na entrevista dada por Marlene à REVEL- Revista Virtual de Estudos da Linguagem. Cf: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_16_entrevista.pdf

³ Cf: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/2639/1801>